

PERCEPÇÃO ANIMAL: DESENVOLVENDO UM NOVO OLHAR PARA OS ANIMAIS QUE CAUSAM MEDO

Dairla Luzianne Cândido de Araújo

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba. Especialista em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Professora da Educação Básica.

dairlacandido@hotmail.com

Resumo: A maioria das pessoas ao se depararem com determinados animais como insetos ou cobras, por exemplo, age de forma rápida e semelhante: erguem um chinelo para rapidamente matá-lo ou foge. Isso acontece antes mesmo de tal animal oferecer algum perigo ou ameaça, sem nenhuma reflexão a respeito do que está fazendo e por que está fazendo. O extermínio e a predação do ser humano para com a natureza, deriva do fato do mesmo não saber a importância da natureza para sua própria vida, tornando-se o seu maior predador. A ideia de ver esses animais como perigosos, nojentos e ameaçadores tem dificultado a manutenção de relações saudáveis entre os seres humanos e os animais. Nessa direção, pretendemos estabelecer um diálogo que exponha as consequências dessa forma não harmoniosa entre esses seres acima elencados. A escola é uma instituição social que tanto vale para perseverar um pensamento quanto para desestabilizá-lo, é possível que nela seja usada formas de trabalho pelos professores que ensinam Ciências para trabalhar essa problemática construindo uma nova percepção ambiental. Este trabalho teve como objetivo incentivar alunos do 8º ano do ensino fundamental II de uma escola estadual em Nova Floresta-PB a identificar através de aplicação de questionários, quais animais causam fobia ou aversão a eles próprios e aos demais colegas. E por meio do conteúdo programado de Ciências e atividades programadas sobre a importância da preservação da Biodiversidade, desenvolver um novo olhar para os animais que foram citados.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Percepção Ambiental, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO:

A falta de conhecimento em relação ao meio ambiente e tudo o que o constitui, faz com que as pessoas não enxerguem o verdadeiro valor dos componentes que constituem a natureza. Muitos animais como insetos, baratas, cobras, escorpiões, morcegos, sapos, entre outros, causam aversão, medo e nojo a algumas pessoas, o que por sua vez condiciona o sujeito a pensar na ameaça que aquele animal pode causar para sua vida.

Quando esse sentimento é exteriorizado, podemos assinalar que a pessoa, costumeiramente, tende a se manter distante do que lhe causa esse sentimento e em algumas situações o sujeito, ao invés de apenas manter distância do animal, só se sente em segurança se provocar a morte dele. Isso ocorre por que o conhecimento adquirido ao longo da vida acerca de alguns animais, ao invés de estimular curiosidade sobre aquele ser vivo, provoca pânico, medo e nojo. Para Hentz (2000) esse fenômeno se propaga de geração para geração

porque é ouvindo e assimilando as falas da mãe, do pai, dos colegas, da comunidade próxima e da sociedade que o sujeito se constitui.

Certas observações que são feitas antes que o sujeito tenha capacidade para refletir a respeito – muitas vezes numa fase bastante precoce da vida, influenciam não só a parte racional/ intelectual do mesmo, como a parte irracional/ emocional, sendo esta última o viés pelo qual se manifesta as atitudes assumidas no impulso, como o ato de, por exemplo, provocar a morte de um animal. Ocorre uma assimilação crítica e, poder-se-ia dizer, inconsciente de conceitos que com o passar do tempo se tornam mais difíceis de serem revertidos, por mais que se valha de uma argumentação coerente e verossímil (LINSINGEN, 2005).

Assim sendo, como fazer para que uma noção depreciativa/ negativa a respeito de determinados animais deixe de ser causadora de pânico?

Pensando acerca da questão realçada, cabe destacar que a escola é uma instituição social que deve ser utilizada como um espaço que possui uma condição *sine qua non* capaz de contribuir para a desmistificação do que “temos de verdade socialmente instituída” quando em cena encontram-se a presença de animais domésticos ou não, isso porque é na escola que preservamos pensamentos assim como, (des)montamos novas bases pedagógicas para se pensar o porquê de ter aversão, medo, nojo de animais.

Porém, antes da tentativa de intervir na mudança de comportamento ou concepção de qualquer pessoa sobre o assunto que estamos destacando neste trabalho, se fez necessário dar um passo “atrás” para conhecer, sob quais bases àquela percepção negativa foi constituída sobre determinado animal, como forma de também valorizar o conhecimento que o corpo discente traz de sua casa, da família e da comunidade para a sala de aula.

No processo de transformação do meio ambiente, de sua construção e reconstrução pela ação coletiva dos seres humanos, são criados e recriados modos de relacionamento da sociedade com o meio natural (homem-natureza), e no seio da própria sociedade (homem-homem). Ao se relacionar com a natureza e com outros homens, o ser humano produz cultura, ou seja, cria bens materiais, valores, modos de fazer, de pensar, de perceber o mundo, de interagir com a própria natureza e com os outros seres humanos, que constituem o patrimônio cultural construído pela humanidade ao longo de sua história, compreendendo que as práticas do meio social são determinantes da natureza e dos problemas ambientais que acometem a humanidade (QUINTAS, 1992).

Em geral, as atitudes dos indivíduos no que concerne aos animais, podem ser influenciadas por muitos fatores, tais como: abundância do animal; percepções tácteis, visuais; crença na espiritualidade; ideia de sujeira ou limpeza; associação do animal a doenças; noções de fragilidade ou resistência do animal; benefícios ou prejuízos; desconforto; aparência e conhecimento ou desconhecimento sobre o animal (COSTA-NETO; PACHECO 2004).

A fobia é o medo excessivo ou injustificável de algo específico ou de uma situação que é manipulada por esQUIVA persistente. Dentre as categorias de fobia estão as denominadas simples, espalhadas pela população geral, que se centram no medo de animais, tais como aranhas, cobras, ratos, insetos (DAVIDOFF, 2001).

A devastação faz com que inúmeros animais silvestres busquem satisfazer suas necessidades para sobrevivência em outros meios, ocupando inclusive áreas urbanas, visto que as áreas verdes cada vez mais estão sendo invadidas pela expansão das cidades. Torna-se evidente que o encontro entre seres humanos com esses animais seja frequente (SOUZA, 2007), podendo trazer riscos e problemas à saúde pública e a conservação das espécies.

O extermínio e a predação do ser humano para com a natureza, deriva do fato do mesmo não saber a importância da natureza para sua própria vida, tornando-se o seu maior predador. Isso pode ser justificado, pela falta de conhecimento da indispensável preservação da biodiversidade, pois cada ser vivo tem o seu papel importante para o meio ambiente. E dessa forma, torna-se necessário, a ampliação desses conhecimentos e a sensibilização para a construção de uma nova consciência perante os fatores do meio ambiente.

Segundo os PCN'S, na educação contemporânea, o ensino de Ciências Naturais é uma das áreas em que se pode reconstruir a relação ser humano/natureza em outros termos, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência social e planetária e perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente.

Dentro de uma visão construtivista, espera-se que, ao elaborar determinada atividade de ensino-aprendizagem, na tentativa de proporcionar, aos alunos, um sentido significativo ao conteúdo, estaremos dando ênfase a uma relação existente entre o assunto e a vida cotidiana dos alunos (OLIVEIRA, 2005). Garantido um bom resultado na construção do conhecimento com novas práticas que despertem aos alunos curiosidades para realizarem pesquisas e de forma ativa, trazê-los para suas ações na vida.

Uma nova postura de respeito e mesmo de valorização de animais “feios, nojentos e perigosos” ainda não acontece em relação à maioria dos animais “esmagáveis”, como formigas, baratas, lesmas e etc. A aversão, passada de geração a geração, é difícil de ser rompida (LINSINGEN, 2005).

Dessa forma, a escola pode torna-se um lugar muito importante para trabalhar o pensamento de alunos que veem determinados animais de forma “errônea” e que fazem agir de maneira impulsiva. Assim sendo, este trabalho teve como objetivo incentivar a aprendizagem dos conteúdos de Ciências ligados a preservação da Biodiversidade, Equilíbrio dos ecossistemas e relacioná-los a importância de determinados animais que causam medo, através de uma construção de nova percepção animal.

METODOLOGIA:

Este trabalho fez parte de um projeto amplo que objetivou levantar dados a respeito da percepção ambiental/animal dos alunos do ensino fundamental II da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rolderick de Oliveira na cidade de Nova Floresta-PB e pode ser classificada como uma pesquisa qualitativa. Os alunos foram entrevistados através de um questionário semiestruturado em que tinha por objetivo saber qual(s) animal(s) causava(m) medo e como eram enxergados em relação ao meio ambiente. O total de alunos que respondeu ao questionário foi de 122 do 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental. Após a aplicação, a turma do 8º ano foi escolhida para fazer o levantamento dos animais que foram citados tanto por eles quanto pelos colegas e participaram ativamente das atividades programadas.

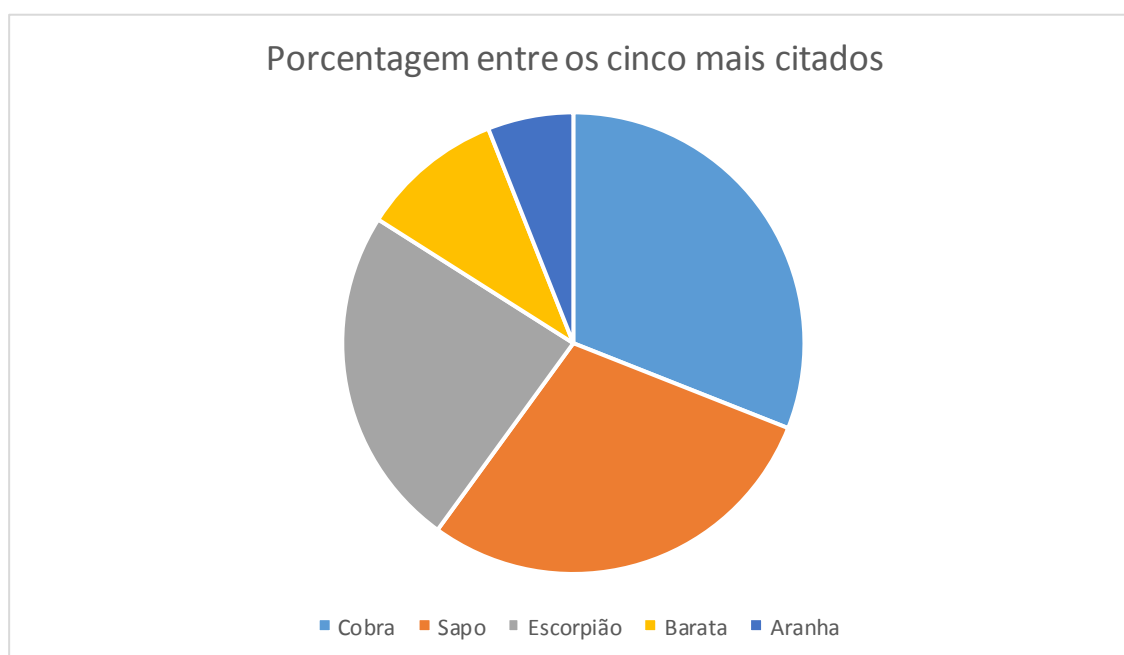
Quadro 1. Descrição das atividades desenvolvidas com a turma do 8º ano de ensino fundamental da E.E.E.F.M. José Rolderick de Oliveira, Nova Floresta-PB, 2016.

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
PRIMEIRA	Aplicação de questionários para o levantamento dos animais que causam medo.
SEGUNDA	Análise dos dados.
TERCEIRA	Aula construtivista sobre os conteúdos programados do 8º ano do fundamental, relacionados biodiversidade, cadeia alimentar,

	ecossistema e equilíbrio ambiental.
QUARTA	Realização de pesquisas sobre a importância dos animais que foram citados nos questionários para o meio ambiente e outros seres vivos. Elaboração de mini palestra enfatizando o valor de determinados animais que causam medo.
QUINTA	Confecção de cartazes, faixas e recolhimento de materiais para serem expostos à comunidade escolar.
SEXTA	Montagem de uma peça teatral.
SÉTIMA	Culminância do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O questionário perguntava qual(is) animal(is) causavam medo e o seu motivo. Como os alunos responderam de forma livre, puderam citar mais de um animal. Dessa forma, para desenvolvermos as atividades propostas, colocamos no gráfico os cinco animais mais citados pelos alunos. Os mais citados com suas porcentagem entre os cinco foram cobra (31%), sapo (29%), escorpião (24%), barata (10%) e aranha (6%).



Muitos outros animais foram citados, porém, em menor quantidade, entre eles, gato, cachorro, lagartixa, porco, leão, touro, grilo, morcego, minhoca.

Em geral, as atitudes dos indivíduos no que concerne aos animais, podem ser influenciadas por muitos fatores, tais como: abundância do animal; percepções tácteis, visuais, crença na espiritualidade, ideia de sujeira ou limpeza, associação do animal a doenças, noções de fragilidade ou resistência do animal, benefícios ou prejuízos que aquele animal pode trazer a vida humana, desconforto causado pela presença do animal; conhecimento ou desconhecimento sobre determinado animal (COSTA, 1999; PACHECO, 2004).

A cobra foi o animal que mais foi citado. As serpentes geralmente ao serem encontradas causam asco, antipatia e medo nas pessoas, o que as levam para serem sacrificadas (RODRIGUES, 2005). O número elevado de crianças com medo de serpente já foi corroborado em outros trabalhos, como Consorti (2004) que afirma que 100% dos entrevistados em sua pesquisa afirmaram que tinham medo de serpentes. Segundo Rakison (2009), mulheres aprendem no início da vida a temerem serpentes e aranhas de forma mais rápida do que em homens, e Ohman & Mineka (2003) apontam que esse medo é registrado em outros primatas, e também apontam que esse comportamento é aprendido de forma rápida e na primeira infância, estabelecendo a identificação visual com o estímulo negativo. Entre as atividades, os alunos pesquisaram a respeito dos pontos positivos que a cobra possui em relação ao equilíbrio do meio ambiente e também os benefícios do seu veneno na produção de medicamentos.

O sapo foi citado pela estrutura física que causa medo só em olhar, mas, muitos citaram o medo da urina desse animal, que na visão dos alunos é capaz de cegar. Na verdade a urina do sapo é comum, talvez de composição igual a nossa, e o mesmo usa apenas como meio de defesa para fugir quando se sentem ameaçados. E da forma como alguns alunos citaram o medo da urina do sapo, percebe-se que para eles, o sapo solta essa urina por ser mau.

Os insetos causam aversão para a maioria das pessoas que os matam de forma rápida ao se aproximarem. A construção do domínio etnozoológico “Inseto” foi explicada através da hipótese da ambivalência entomoprojetiva, segundo a qual os seres humanos tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade, repugnância, medo e menosprezo aos

animais associados com o grupo “inseto” determinado culturalmente (COSTA, 1999). Os insetos como as baratas foram justificadas pelos alunos por elas serem por eles consideradas “nojentas” e que trazem doenças. Já as aranhas por possuírem veneno.

Os alunos envolvidos desenvolveram habilidades, competências e capacidade de desenvolver trabalhos a partir de uma construção dos conhecimentos trabalhados em sala de aula em conjunto com as atividades práticas.

A leitura foi fundamental para que os alunos atrelassem uma série de informações que os ajudaram a compreender a importância do que eles estavam trabalhando. Puderam interpretar textos, pesquisas, gráficos e tabelas, além de aperfeiçoarem a escrita.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, foi possível notar o interesse dos alunos, a preocupação dos encontros para as atividades, muitas vezes, partiam deles. Era notória a ansiedade para eles exporem tudo o que estavam produzindo. Apesar de que, outros estavam nervosos em pensar em falar em público ou ansiosos para apresentarem a peça e a paródia.

Através das práticas desenvolvidas, foi percebido que o número de faltas dos alunos envolvidos foi reduzido, entre os faltosos, que o interesse em assistir as aulas aumentou. O mais importante é que o objetivo do projeto foi alcançado, o de desenvolver um novo olhar para os animais que causam medo a muitas pessoas. Na culminância todos estavam preparados para a apresentação dos seus trabalhos com domínio dos conteúdos. A pequena palestra foi importante para que tudo o que foi aprendido fosse compartilhado com a comunidade escolar.

CONCLUSÃO

Foi notória uma nova percepção dos alunos sobre os animais como cobra, sapo, escorpião, barata, aranha e outros que causem medo. Foi entendido que não precisam manuseá-los ou gostar deles, mas é preciso respeitá-los e tê-los como componentes importantes para o meio ambiente. Concluímos que novas práticas pedagógicas aplicadas aos alunos, em que sejam mais ativos na construção do conhecimento, fazem com que os conteúdos sejam colocados em prática na vida dos mesmos. Com este trabalho, as aulas de Ciências voltadas para a Conservação da Biodiversidade puderam ser vivenciadas e levadas para a vida dos alunos, tornando uma prática de estudo ativo.

REFERÊNCIAS:

BIZERRIL, Marcelo. **Humanos no Zoológico**, in Revista Ciência Hoje, vol. 28, n 163, 64-67, ago/ 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 137 p.

CARMO, P. C. **Ataques de tubarões a humanos na costa de Pernambuco**. 2007.43 f. Monografia (Especialização em Biologia Marinha) UNITAU. Taubaté. 2007.

CONSORTI, G. F.R. **Levantamento dos Mitos e Medos Envolvendo Serpentes na Cidade de Sorocaba**. Monografia. Pontifícia Universidade Católica- Centro de Ciências Médicas e Biológicas de Sorocaba. 15 p. 2004.

COSTA, N. E. M. **A etnocategoria “inseto” e a hipótese da ambivalência entomoprojetiva**. Acta Biológica Leopoldensia, 21(1): 7-14. 1999.

DAVIDOFF, L. **Introdução à Psicologia**. 3 ed. São Paulo: Makron, 2001.

GAGLIANONE, C. *et al.* **Nutrition education in public elementary schools of São Paulo, Brazil: the Reducing Risks of Illness and Death in Adulthood project**. Rev. Nutr., Campinas, v. 19, n. 3, pp. 309-320. mai./jun. 2006.

GONÇALVES, J. R.; ETEROVIC, A.; SAZIMA, I. **Serpentes da Mata Atlântica**. Guia ilustrado para a Serra do Mar. Ribeirão Preto: Holos Editora Ltda. 184 p. 2001.

HENTZ, M. I. de B. **A formação do sujeito: tecendo uma compreensão, in Linhas – Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura, Florianópolis, SC, UDESC, Junho de 2000.**

LINSINGEN, L. v. **Feios, nojentos e perigosos: os animais e o ensino de Biologia através dos livros paradidáticos**. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Minayo, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 12ª ed. São Paulo: Editora Hucitec; 2010.

OHMAN, A., MINEKA, S. **The malicious serpent: Snakes as a prototypical stimulus for an evolved module of fear**. Current Directions in Psychological Science, 12, 5-9. 2003.

QUINTAS, J.S. **A Questão Ambiental: Um pouco de História não faz mal a ninguém**, Brasília: IBAMA,1992. Mimeografado.

RODRIGUES, M. T. **Conservação dos répteis brasileiros: os desafios de um país mega diverso.** Megadiversidade (1)1:87-94. 2005.

RAKISON, d. does women's greater fear of snakes and spiders originate in infancy? **Evolution and Human Behaviour** (no prelo). 2009.

REIS. **Caracterização dos répteis descartados por mantenedores particulares e entregues ao centro de conservação e manejo de répteis e anfíbios** – Ran. Rev. Biol. Neotrop. 4(2): 149-160, 2007. disponível em: <<http://www.revista.ufg.br/index.php/rbn/article/viewfile/5215/4282>>. Acesso em 20.out.2012.

SOS MATA ATLÂNTICA. **União pela fauna da mata atlântica.** São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 2005.

VIDOLIN, G. P., P. R. MANGINI, M. DE MOURA- BRITO & M. C. MUCHAILH. **Programa estadual de manejo de fauna silvestre apreendida** – Estado do Paraná, Brasil. Cad. Biodivers. 4: 37-49. 2004. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/meioambiente/iap/pdf/artigo_5.pdf>. Acesso em: 8.abr. 2008.

WEISSMANN, H. **Didácticas especiales,** Buenos Aires, Aiqué. 1993.